

Fernanda Ribeiro Alves Bezerra

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

**MILITANTES DO MST IMPOSSIBILITADOS DE TRABALHAR NA TERRA: UM
PARADOXO SUBJETIVO POSSÍVEL**

São Paulo
2012

Fernanda Ribeiro Alves Bezerra

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

**MILITANTES DO MST IMPOSSIBILITADOS DE TRABALHAR NA TERRA: UM
PARADOXO SUBJETIVO POSSÍVEL**

Projeto de Pesquisa para trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior.

São Paulo
2012

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Plínio, pela paciência e dedicação em se debruçar sobre uma tese cujas raízes são tão pessoais e por suas orientações, não por menos, técnicas.

Agradeço ao professor Agnaldo, por sua disposição em estar sempre por perto para fazer real algo totalmente diluído dentro de nós, por sua sinceridade nítida e por sua confiança que, mais uma vez, faz brotar lindos projetos.

Agradeço a minha grande amiga Karina, a quem eu levo para toda a vida, por sua simples presença nesse mundo, por me fazer acreditar que seria possível produzir este trabalho, por me fazer admirar suas conquistas e mudanças que poucos conseguem acompanhar e por nossas risadas que servem de combustível para ser quem sou.

Agradeço ao meu pai, a quem amo mais que tudo, por acreditar tanto em mim quanto nas minhas ideias e por fazer descomplicado qualquer bicho-de-sete-cabeças.

Agradeço àqueles que tornaram possível não só o meu caminhar acadêmico como também que eu experimentasse a alegria de fazer e ser o que gosto. O meu muito obrigada, portanto, à Isadora, Luciene, Wladimir, Vitor e Giorgia, essa família especial que me fez acreditar na esperança.

Por fim, agradeço a todos que compõem a minha vida e digo que são todos pedaços de quem sou e do que produzo. A vocês, representados aqui, obrigada.

Militantes do MST impossibilitados de trabalhar na terra: um paradoxo subjetivo possível.

Fernanda Ribeiro Alves Bezerra

Orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr

2012

Resumo

Este trabalho investigou que impacto a impossibilidade do trabalho na terra em decorrência de doença ou de acidente tem nas subjetividades de membros do MST. Para isso, parte da caracterização da dimensão subjetiva envolvida, na qual o sujeito se identifica e se constitui a partir de seu trabalho e do movimento no qual está inserido, englobando seus processos de luta e produção efetiva na terra. A abordagem metodológica adotada foi a qualitativa, seguindo os moldes das pesquisas na abordagem da Psicologia Sócio-Histórica. Foram realizadas entrevistas abertas com membros do Assentamento Dom Tomás Balduino (São Paulo). A conclusão é que o impacto na subjetividade de militantes do MST impossibilitados de trabalhar na terra é dolorido. Contudo, não há muita elaboração deste impacto em sua profundidade devido ao pouco espaço existente para a expressão dos sentimentos relativos a essa condição no assentamento e na cultura envolvida dos militantes, de maneira geral.

Palavras-Chave: MST, Psicologia, Subjetividade, Impossibilidade do Trabalho, Doença

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I – A Psicologia Sócio-Histórica e a dimensão subjetiva.....	8
Capítulo II - MST e Assentamento Dom Thomas Balduino: breve caracterização.....	12
Método.....	22
Análise e Discussão das entrevistas.....	26
Conclusão	35
Referências Bibliográficas	37
Anexo I	38
Anexo II	46

“Cortaram meu pé de cana, que crescia no ar; cortaram meu pé de cana, mas a raiz ficou lá.” (Bogo, 2003, p. 31)

A ideia deste trabalho surgiu de uma visita feita ao assentamento Dom Thomas Balduino para a realização de um trabalho de psicologia social, em que me deparei com situações de impossibilidades diversas de trabalho na terra de membros do MST.

Esses, que até pouco tempo antes da visita não apresentavam nenhuma deficiência, quando sofreram um acidente, seja no trabalho na terra ou em outras condições, ou quando ficaram doentes, ficaram também impedidos de cumprir com sua atividade e, talvez, deslocados diante de seus ideais e espaço no movimento. Diante desta situação fica evidente a noção de que os seres humanos não têm total controle de suas vidas, cabendo às circunstâncias uma parte do que somos:

“Vejo que o surgimento do MST foi, para muitos, que ainda permaneciam no campo, a esperança que faltava para que ficassem ali mesmo – afirma Miriam, tentando buscar uma explicação mais fundamentada para o surgimento do MST, relacionando a ele os problemas das pessoas. – Muitos acham que criar um movimento ou um partido político é apenas tomar uma decisão em um pequeno grupo de iluminados e, num passe de mágica, este se massifica! Esquecem dos vários elementos necessários, principalmente dois, que são as oportunidades e as circunstâncias. Recentemente – continua Miriam – fizemos um curso de formação política lá no Pontal de Paranapanema, que por sinal, tratava justamente disso. Vimos, pelo resgate histórico do conhecimento, que Karl Marx já havia descoberto muita coisa sobre a questão da organização da sociedade, e disse que “os homens fazem as circunstâncias, assim como as circunstâncias fazem os homens”. Isso quer dizer que somos produto do meio e do tempo em que vivemos e, por isso precisamos saber quando e como devemos intervir na realidade para transformá-la e também para transformar-nos.” (Bogo, 2003, p. 35)

As razões que norteiam o objetivo do presente trabalho decorrem do histórico dos próprios militantes do MST. Muitos deles foram expulsos das suas terras por não receberem incentivos governamentais para produção, outros vieram de Estados distantes em busca de melhores condições de vida nas cidades grandes, e há relatos de pessoas

que perderam seus empregos e passaram a morar nas ruas antes de ingressarem no MST. De todo modo, essas biografias se encontraram e organizaram-se em torno da causa da “reforma agrária e trabalho”. Após um longo período de lutas reivindicatórias, de perseguições, de negociações e, finalmente, da terra conquistada, o imprevisto se apresenta: o militante fica impossibilitado de trabalhar na terra, na sua terra conquistada. Em hipótese diria que se trata da interrupção de um projeto de vida com impacto doloroso na subjetividade do sujeito. Nesse ponto apresento o objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso, que visa entender a dimensão subjetiva nessa condição específica da interrupção de um sonho, enquanto projeto de vida.

Subjacentes ao objetivo mencionado poderão surgir desdobramentos dessa investigação:

- (a) Quais as alternativas do sujeito diante da interrupção de um projeto de vida?
- (b) De que modo esse sujeito reorganiza sua vida?
- (c) Como o meio social do MST atua diante da impossibilidade do sujeito trabalhar na terra?

Vale ressaltar que questões burocráticas e institucionais não podem ser desconsideradas uma vez que, conforme relatado por um membro do assentamento na visita, quando impossibilitado de trabalhar na terra, a pessoa pode receber (ou deve) um seguro do governo por não conseguir produzir em sua terra e, portanto, ter renda a partir disso (apenas nos casos de membros de assentamentos). Nesse sentido, a questão financeira não é o foco principal do problema, já que o indivíduo impossibilitado de trabalhar pode se valer desse seguro para sobreviver. Porém, valores importantes paradoxalmente se colocam frente à situação atual destes sujeitos, ou seja, como manter ocupada uma terra que está sendo improdutiva quando se acredita que o valor da terra está no que ela pode oferecer para todos? Aparece aí uma crise de ideais pelos quais se lutou durante uma vida:

“Na condição de agricultores assentados, eles estariam lutando por um modo de vida e por uma qualidade de vida diferente daquela concebida pelo homem cidadão e, muitas vezes, pelos técnicos, dirigentes e mediadores do MST. Mais do que a conquista da terra, ao engajarem-se nessa luta, essas famílias de agricultores estão lutando, antes de tudo, por um projeto de vida, e é justamente esse projeto de vida, esse horizonte e a perspectiva de um futuro melhor, o agente que também

historicamente tem mobilizado as populações rurais.” (Severi, 2010, p. 133)

Esta contradição explicitada anteriormente foi vista por mim na referida visita para o trabalho de psicologia social e despertou meu interesse em verificar qual seria o impacto dessa situação na subjetividade dos membros que nela se encontravam.

A partir de conceitos da psicologia sócio-histórica, pode-se entender que a dimensão subjetiva se caracteriza através do sujeito que se identifica e se constitui a partir do seu trabalho e do movimento no qual está inserido, modificando seu meio e sendo modificado por ele. Isto é, a identidade pode ser tida como ponto de ancoragem do campo subjetivo do indivíduo e, ao mesmo tempo, construção social do sujeito. Nesse sentido, o MST é parte constituinte da identidade individual de seus membros e esta, somada às experiências de cada um, também viabilizam a formação de uma experiência coletiva:

“Há uma intencionalidade em ser sujeito pedagógico por parte do MST, ainda que isso não seja totalmente refletido ou consciente. Essa intencionalidade está no próprio caráter do MST, que por meio de seus objetivos e valores assume para si a tarefa de lutar pela reforma agrária e, ao mesmo tempo, formar seres humanos capazes de assumir o comando de sua própria história. Pelas suas propostas e experiências de lutas nos acampamentos e assentamentos, o MST afirma pretender resgatar a dimensão emancipatória da educação e contribuir na construção de novos sujeitos”. (Severi, 2010, p. 20)

O termo “consciência” também pode ser referenciado nessa abordagem como fruto do desempenho do sujeito nas situações objetivas e na representação que o sujeito faz de si, o que é justamente a proposta desse trabalho: entender essa consciência em um contexto no qual o desempenho mudou, e provavelmente as representações do sujeito também.

A situação que o trabalho pretende investigar pode ser tida como uma metáfora para todos. Refletir sobre quais são os impactos, as consequências e as possibilidades de superações, neste contexto, é também pensar sobre um movimento de mudança que se faz necessário, assim como poderia ser para qualquer um que, de repente, se visse em uma condição contrária a que planejou durante a vida inteira. Dessa maneira, as condições para que esse movimento ocorra podem ser determinantes para a mudança:

“Isto é o que se pode chamar de oportunidade histórica. Veja, existem na história da humanidade, idéias e teorias consideradas perfeitas, mas que não se desenvolvem porque ainda não se criaram as condições propícias para isso. Encontrei uma explicação interessante em um livro que ganhei de uma amiga, A Arte da Guerra, de um velho chinês chamado Sun Tzu. Nele diz que há três caminhos para a oportunidade – descreve Joelma, contando os dedos para acentuar as palavras: acontecimentos, tendências e condições. Quando as oportunidades surgem através dos acontecimentos e não se consegue reagir, falta esperteza. Quando as oportunidades surgem através de uma tendência e não se consegue fazer planos, falta sabedoria. Quando as oportunidades surgem através de condições e não se consegue fazer agir, falta audácia”. (Bogo, 2003, p. 32)

No MST, porém, as escolhas são direcionadas para um mesmo foco, acessar uma terra por direito para produzir e sobreviver:

“O MST coloca-se como um barco sobre as ondas dessas correntes migratórias, apontando o destino para aqueles que já não têm destino; e orientando onde deve ancorar cada ser desamparado pelo capital nesta onda excludora.” (Bogo, 2003, p.18)

Nesse sentido, é possível notar um caráter de movimento de massa tão grande que o social se apropria do individual, fazendo com que um conflito pessoal possa ser superado através do norte apontado pela massa. A integralidade entre os membros do MST é tão forte, que já não se pode mais dissociar o que pertence ao social e o que pertence ao individual:

“É verdade. Sabe que não tinha me dado conta! Que movimento é este ao qual entregamos a vida sem exigir nada em troca? Veja, mesmo agora que portamos deficiências físicas, estamos aqui com a mesma vontade de lutar e conquistar a libertação da terra e das pessoas – explica entusiasmada Joelma, como se o sol brilhasse em seu olhar.” (Bogo, 2003, p. 49)

Será que em se tratando de um olhar subjetivo, podemos entender essa dialética como sendo acolhedora ou excludente? Será que, de fato, houve uma superação do problema individual em função de princípios pessoais, ligados ao social, mais fortes do que os elementos conflituosos? Ou será que não houve um contato profundo com o problema? *Muitas idéias deixam de ser “propriedade” individual, e o próprio núcleo as assume como dele* (Bogo, 2003, p. 73). Será que isso poderia acontecer neste contexto de impossibilidade de trabalho na terra? Seria acolhedor? Existe um núcleo que dê conta de problemas dessa instância?

Lendo o questionário aplicado por Alexandra Santos Pinheiro em sua tese “O Ensino de Literatura Infantil nas escolas do MST: Entre a Fantasia e a Realidade”, pude notar a utilidade de um olhar voltado ao imaginário, ou de algo referente às fantasias e/ou sonhos. Isto é, na pergunta sobre “imaginário” dessa autora, nota-se a necessidade deste para a abstração da dor de quem vive num tempo em que já não se pode mais viver. Nesse sentido, entender como se dá o espaço para a fantasia e sua possível relevância, pode se relacionar com a resignificação destes membros em situação de impossibilidade:

Ao elaborar essa questão “Como você avalia a importância ou não do imaginário na infância?” - objetivamos que a resposta viesse deles, pois assim a questão do imaginário tornar-se-ia mais significativa na prática educativa dos acadêmicos. Diversas foram as maneiras discursivas de colocar a questão, mas na resposta dos 33 entrevistados permaneceram os aspectos positivos dos conceitos. A seguir, apresentamos quatro respostas, consideradas mais significativas para a análise:

“é projetar para outro mundo, um mundo bom, maravilhoso”;

“é a capacidade de viajar no mundo que gostaria que fosse realidade”;

“é tudo que está ligado ao sonho que tanto pode vir a ser real ou continuar ligado ao mundo da fantasia, é imaginar coisas que às vezes não se vêem, ou até se vêem mas não com um resultado esperado”;

“o imaginário é um mundo que se cria para poder viver além do que se vive”.

Os discursos acima apresentam o imaginário como algo positivo, uma atividade que permite viver em um mundo melhor. Expressa, ainda, a dor de quem vive num tempo em que já não se pode mais viver. Em outras palavras, os acadêmicos lembraram que a imaginação permite ir além do

mundo real. Os pareceres em destaque vão ao encontro da afirmação de Vigotsky, para quem (Pinheiro, 2007, p. 43)

[...], la imaginación adquiere una función muy importante en el desarrollo del hombre, se hace medio de ampliación de su experiencia, porque le permite imaginarse aquello que no ha visto y representárselo mediante el relato de otra persona y la descripción de lo que en su experiencia personal directa no ha tenido lugar (VIGOTSKY, 1999, p. 13)

Por fim, este trabalho além de olhar para a subjetividade desses membros, pretende também abordar o espaço que eles passam a ocupar dentro da organização do movimento. Isto é, como ocupar um papel ativo em um contexto de vida paralisante?

“Quem luta um tempo e depois se afasta está excluído do movimento de massas, por não estar em movimento. Sendo assim, somente pode ser considerado membro do MST quem estiver em permanente “movimento”. Para isto, se faz necessária esta estrutura orgânica de base, que possibilite às pessoas a participarem da vida interna do assentamento e do próprio movimento.” (Bogo, 2003, p. 72)

Será que a resignificação de um papel no movimento não pode se apresentar como uma possibilidade diante da impossibilidade? Isto é, ocupar outro papel em algum dos núcleos existentes nos assentamentos, que são de natureza variada para abordar questões jurídicas, de comunicação, de organização e etc., poderia ser uma oportunidade de sair da condição de agricultor inválido e ainda resgatar sua identidade no MST?

Objetivo:

Este trabalho investigou que impacto a impossibilidade do trabalho na terra em decorrência de doença ou de acidente tem sobre as subjetividades de membros do MST.

Subjacentes ao objetivo mencionado poderão surgir desdobramentos dessa investigação:

- (a) Quais as alternativas do sujeito diante da interrupção de um projeto de vida?
- (b) De que modo esse sujeito reorganiza sua vida?
- (c) Como o meio social do MST atua diante da impossibilidade do sujeito trabalhar na terra?

Capítulo I: A Psicologia Sócio-Histórica e a dimensão subjetiva

A dimensão subjetiva de fenômenos se caracteriza a partir de uma noção de homem e de mundo específicas da psicologia sócio-histórica. É a partir da dicotomia entre indivíduo e sociedade, que coloca a exterioridade do sujeito em relação ao objeto, que a psicologia social busca tecer sua compreensão. Como pontos de base ela pressupõe a desnaturalização de um sujeito que é histórico, ou seja, que se constitui através das suas relações, o que gera um movimento no qual percebemos um sujeito ativo capaz de influir no seu meio e, ao mesmo tempo, ser influenciado por ele.

Sendo assim, a psicologia sócio-histórica se dá permeada pela dialética entre sujeito-objeto, entendendo que o paradigma do sujeito separado do objeto é superado, uma vez que eles se relacionam sofrendo constantemente influência um do outro:

“A mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que se tem que determina a consciência.” (Furtado, Teixeira & Bock, 1999, p. 87)

Entretanto, só é possível essa concepção através de uma experiência concreta como a produção da base material do capitalismo. É a partir das relações que se dão em uma sociedade capitalista que podemos entender a contradição presente entre o capital e o trabalho. Essa contradição é geradora de uma inevitável desigualdade, a qual acreditamos refletir nos direitos de cada indivíduo:

“Assim, para conhecer o homem é preciso situá-lo em um momento histórico, identificar as determinações e desvendá-las. Para entender o

movimento contraditório da totalidade na qual se encontram os indivíduos, deve-se partir do geral para o particular — para o processo individual de relação entre atividade e consciência. É necessário perceber o singular e seu movimento como parte do movimento geral e, ao revelar essas mediações, compreender não só o geral, mas o particular. E dessa forma que o indivíduo deve ser entendido pela Psicologia fundamentada no materialismo histórico e dialético.” (Furtado, Teixeira & Bock, op. cit., p.93)

Partindo do ideal do capitalismo, em que a marca do capital é produzir sempre mais capital, farei uma breve retomada de conceitos que dão base para o entendimento de nossa sociedade e, portanto, fundamentam a teoria da Psicologia Sócio-Histórica.

A primeira denúncia que evidencia a dinâmica perversa da sociedade capitalista é a expropriação de uma classe social de seus meios de produção (terra e instrumentos de trabalho). Isso acontece por meio de outra classe social mais poderosa que se apropria privadamente desses meios, antes usados como fonte de subsistência e como possibilidade de troca no mercado, e que força essa classe expropriada a trabalhar para ela com a promessa generosa de justiça dada através de um salário. É assim que se forma o cenário de uma classe social trabalhadora inevitavelmente submetida e submissa às leis do mercado neoliberal. Reduzido à condição de mercadoria que produz mercadoria, o trabalho perde sua potência de exteriorizar numa obra a interioridade do sujeito, ou seja, deixa de ser uma dimensão da nossa vida que revela parte da condição humana por meio da dominação das forças da natureza, satisfação das necessidades vitais básicas e exteriorização da nossa capacidade inventiva e criativa.

Entretanto, o que permeia a relação entre capital e trabalho, ou entre as classes sociais, não é e nem deve ser algo a ser percebido de forma transparente, tornando mais complexo o acesso a essa realidade e escondendo verdadeira condição de dominação do trabalhador.

Para atingir seu objetivo de gerar cada vez mais riquezas por meio do lucro, o capitalismo faz com que o disparador desse processo seja a exploração de uma classe sobre a outra, uma que compra e outra que vende sua força de trabalho. É justamente o tempo de trabalho não pago ao trabalhador que gera o lucro e a oportunidade de riqueza de quem explora. A manutenção desse grande sistema, então, se dá através de uma riqueza socialmente produzida e de uma apropriação nada social, ou seja, apropriação privada dos donos dos meios de produção.

Nesse sentido, a noção de um sujeito livre, autônomo e consciente fica posta em dúvida, uma vez que ele está inserido num contexto que limita essas possibilidades. Logo, não há neutralidade possível. A sustentação dessa ideia acontece através do movimento natural e espontâneo que nutre essa condição. Desse modo, podemos dizer que a psicologia sócio-histórica se constitui, principalmente, pela crítica à visão liberal de ser humano:

“Não existe natureza humana. Não existe uma essência eterna e universal do homem, que no decorrer de sua vida se atualiza, gerando suas potencialidades e faculdades. Tal idéia de natureza humana tem sido utilizada como fundamento da maioria das correntes psicológicas e faz, na verdade, um trabalho de ocultamento das condições sociais, que são determinantes das individualidades.” (Furtado, Teixeira & Bock, 1999, p.89)

A partir da compreensão do ser humano como um ser social, nos aproximamos do significado da experiência do trabalho. Esta se apresenta naturalmente como uma possibilidade de transformação do homem e da natureza, mediada, justamente, pelas relações estabelecidas com o meio e com o outro. Além disso, exerce função básica na constituição da identidade de quem a desenvolve:

“Esse processo acontece com todas as suas aptidões. O homem, ao nascer, é candidato à humanidade e a adquire no processo de apropriação do mundo. Nesse processo, converte o mundo externo em um mundo interno e desenvolve, de forma singular, sua individualidade. Assim, através da mediação das relações sociais e das atividades que desenvolve, o homem se individualiza, torna-se homem, desenvolve suas possibilidades e significa seu mundo.” (Furtado, Teixeira & Bock, op. cit., p.92)

Essas questões estão intrínsecas ao MST, e ganham mais força ao se levar em conta que a atividade é a base objetiva de realização concreta do sujeito e, ao mesmo tempo, sua expressão de subjetividade e definição de papéis. Isto é, além dos já mencionados aspectos positivos proporcionados pela experiência da vida por meio do

social, ainda podemos fazer referência a mais um: o objeto produzido pelo sujeito possibilita que ele seja valorizado socialmente por sua expressão subjetiva.

O caso de Mauro (coordenador do Assentamento Dom Thomas Balduino) é um exemplo de alguém que encontrou no movimento não só um espaço passível de expressar sua subjetividade, como também se definiu e identificou. Além disso, se a consciência é fruto do desempenho do sujeito nas situações objetivas e da representação que o sujeito faz de si, pode-se dizer também que a partir de sua relação com o movimento e com o trabalho, Mauro passou a ser consciente.

Sendo assim, a subjetividade de um sujeito não está só concentrada nele mesmo, e sim presente no repertório central de um povo que constitui sua identidade social, sendo a matriz das representações sociais. Nesse sentido, o MST é parte constituinte das identidades individuais de seus membros e estas, somadas às experiências de cada um, também viabilizam a formação de uma experiência coletiva.

Por fim, além da perspectiva social do MST que não deixa de considerar o sujeito, podemos olhar também para o movimento em sua perspectiva política como aquela que não só diz de seus militantes como também caminha para sua libertação. Isto é, o MST possibilita que pessoas esmagadas por uma sociedade capitalista ambiciosa façam o luto dessa realidade fundada no sacrossanto dever de pertencer a ela.

Capítulo II – MST e Assentamento Dom Thomas Balduino: breve caracterização

Samba do Dolores Unidos da Madrugada*

De pé em pé
De mão em mão
Chama a galera pra fazer um mutirão

(Eu chamei)
Eu chamei
Ao som do surdo, do cavaco e poesia

A arte que nos realiza
Construímos no suor do dia-a-dia

Trabalhador
Quando faz sua canção
Chuta a bunda do patrão
Aconteça o que aconteça

Toma a vida em suas mãos
Socializa a produção
E vira o mundo às avessas

É carnaval
Segunda-feira não trabalho nem a pau
Terça eu não vou só
Se a quarta é de cinza
Quinta-feira eu tô o pó

É carnaval
E sexta-feira você sabe como é
Vem o Madrugada
Sambar com Lona Preta
E Boca de Serebesqué
Vem o Madrugada
Esticar a Lona Preta
Pro marreco fazer qué

Samba do Cordão Carnavalesco Boca de Serebesque*

Vamos pra rua de novo, pra batucar

Armado com a batucada do povo
Pronto pra lutar
Nem cassetetes nem bombas
Vão nos parar
Falso progresso
Que arranca o povo de seu lugar.

Periferia ta na mira
Copa do mundo chegou pra expulsar (a regra é clara)
A roda vida vem causando a exclusão
Erguendo a arena
Para o Itaquerão.
Comunidades unidas
Resistem à força do trator
E constroem a cada dia
Com arte, poesia e educação
A luta contra repressão.

Entre outros Alta Mira
Esta na mira do que chamam “evolução”
Belo Monte deixa de ser belo
E a batida do martelo
Define sua extinção
Claro como o sol é bela as cores
Que o cara pálida não vê.
Fortes guerreiros
Vermelhos, sem medo,
Enfrentam o mau que existe
No meio da mata verde
Xingu, Xingu resiste.

Chacoalha pinheirinho
Balança mas não cai
A madeira do seu galho
Vira porrete em outras
Lutas mais

A repressão hoje vibra
Com a nossa dor
Hoje eles batem
Mas amanhã vão sentir dor

Qué qué qué
Você sabe como é
Boca de Serebesque
Não tem medo de gambé!! (repete)

Samba Unidos da Lona Preta*

A vida muda a luta, a luta muda a vida
Sou Sem-Terra com dignidade
Batucada na avenida
Construindo a unidade

De punhos erguidos
A Unidos vem cantar
Pra quem ta na correria, no dia-a-dia
Plantando a resistência popular
Infância Sem-Terrinha é na ciranda
Cozinha coletiva faz comer a ocupação
O coração batendo ao som do samba
A foice e a baqueta na mão
O pulso firme e forte das mulheres
Debate de idéia em reunião
E nem mais um minuto de silêncio
Àqueles que tombaram neste chão

Não matarão, nossos sonhos de criança
Que na nossa militância, para sempre prevaleça
O repique de Geraldo, o sorriso de Vanessa

Laércio, a justiça burguesa
Não prenderá a consciência
Da classe que em sua formação (formação)
Fez tio Mauro buscar
A beleza e o pão
Almerinda, a benção, madrinha
Negra, vem da dor o saber (o saber)
Os teus olhos guerreiros
Nos fizeram entender (que)

*Esses foram os sambas-enredos do Carnaval Contra-Hegemônico de 2012.

O trabalho de Conclusão de Curso foi realizado no Assentamento Don Thomas Balduino, no município de Franco da Rocha, Grande São Paulo. A área de 610 hectares é dividida de modo que 40% são destinados à produção e os outros 60% à reserva manancial. A organicidade das terras foi demarcada a partir de três núcleos: vermelho, que possui 22 famílias, roxo, com 13 famílias, e verde, com 27 famílias, totalizando assim 60 famílias. Cada família tem direito a 3 (três) hectares de terra, sendo que 1 (um) hectare é de uso individual, conhecido como “quintal da casa”, e os outros 2 (dois) hectares são de uso coletivo, onde todos ajudam quando necessário (nas épocas de plantio, colheita, amarração das uvas...).

Ele foi criado através da mobilização, conscientização sociopolítica e luta de pessoas em situação de rua que eram frequentadoras do grupo “Fraternidade Povo de Rua”, que pretendia mostrar que, além da necessidade, existia uma real possibilidade de intervir na estrutura da exclusão. Discutiu-se com os demais grupos que frequentavam a casa, no Brás, as causas históricas de sua exclusão. Assistiu-se a uma verdadeira transformação do significado que davam às manifestações religiosas: da religião “ópio para o povo” para uma religião de libertação, assim como pregava a cartilha da Teologia da Libertação.

A caracterização da situação quanto às políticas públicas existentes não pode ser dada sem a caracterização da situação de exclusão social que permeia toda a sociedade, das pessoas citadas antes de conquistarem seus direitos e da definição de um lugar não mais à margem, mas, como protagonistas, atores centrais de suas histórias de vidas:

“José Martins adverte contra o equívoco de falar simplesmente de excluídos. As múltiplas modalidades da “exclusão social”, segundo Martins podem também atingir pessoas que ainda vivem, sabe-se lá até quando em suas casas”.

“Consideramos palavras-chaves das causas macroestruturais da exclusão: a modernidade, a globalização - não só cultural, mas também mercantilista - e o capitalismo em sua configuração do neoliberalismo. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente”.

“Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha com o trabalho”.

“O conceito “globalização” parece estar definitivamente marcado pela face escura do neoliberalismo e de sua racionalidade instrumental a favor do discurso “utilitarista”. Sustentados por esses discursos utilitaristas, economistas justificam as desigualdades em favor do “bem geral da nação”. Sacrifícios exigidos em nome da ordem social e das futuras gerações devem ser sempre tratados com desconfiança, seguindo os mestres da suspeita, como Copérnico, Darwin, Marx e Freud. Nem a felicidade dos contemporâneos, nem a destruição do planeta Terra podem ser terceirizadas para as futuras gerações”.

“Em síntese, a exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe na relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é um processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema”. (Gomes, 2005, diferentes trechos do livro)

Escolhi alguns trechos do livro “Comuna da terra - Utopia e alternativa”, de José Agnaldo Gomes, para contextualizar a situação de exclusão vivida não só pelas pessoas que estavam em situação de rua, frequentadoras da “Fraternidade do povo de rua” e atuais fundadoras do assentamento Don Thomas Balduino, mas, por todos os que estavam imersos nesse sistema produtor de exclusões. O livro vai ao encontro não só do processo de construção do assentamento, mas realiza uma análise condizente com os

discursos e vivências do autor e dos envolvidos na luta dentro da dialética presente desde o início desse movimento que culmina em sua síntese: de excluídos a militantes e de sem-terra a proprietários.

O MST, em si, é uma espécie de articulador das pessoas que querem lutar pela reforma agrária em todo o país, para alcançar objetivos imediatos e estratégicos, e não apenas daqueles que querem um pedaço de terra para trabalhar. Para isso, utiliza-se de táticas que se aperfeiçoam com o passar do tempo, de acordo com as circunstâncias. O que jamais mudou no MST, durante toda a sua existência, foi seu caráter de massas e, através dele, sempre desencadeou lutas, tornando-se conhecido pelas grandes mobilizações. (Bogo, 2003, p. 43)

Podemos contrapor essa compreensão do MST à lógica excludente e desapropriadora de sujeitos no sistema em que se inserem.

Enquanto o capital vai eliminando os trabalhadores de suas profissões, o MST recompõe o espaço de trabalho e dá lugar a estes sujeitos. Isto é, o desenvolvimento desenfreado de tecnologias é o que nutre o capitalismo, ao mesmo tempo em que é seu objetivo. Sendo assim, conforme novas formas de produzir mercadorias (formas mais rápidas) vão aparecendo, os trabalhadores, de uma só vez, perdem seus lugares e, também, a capacidade de dialogar, refletir e cooperar.

Portanto, para falar do processo de luta do qual os militantes do MST fazem parte, é preciso falar da concepção de mundo a que se opõem. Esta realidade é a mesma que subsidia a teoria da psicologia sócio-histórica e base de sua crítica. Conforme explicitado no capítulo anterior, o homem burguês e o homem sujeito são duas idéias que, aparentemente, não representam a mesma coisa. Isto porque elas partem de uma condição contraditória, ou seja, a partir das relações que se dão em uma sociedade capitalista regida por leis de mercado, percebemos que temos como resultado uma condição de extrema desigualdade, e esta por sua vez é geradora de sujeitos que não são livres, autônomos e conscientes a priori. Nesse sentido, a sociedade que funciona com base nesse sistema é produtora de exclusão a todo e qualquer momento, fazendo com que sempre existam pessoas que não são assistidas pelo Estado e, por consequência, que não têm seus direitos garantidos.

O MST entra justamente nesse cenário. Compreendendo essa realidade excludente, ele propõe que as pessoas se conscientizem de suas condições e contextos e

busquem um lugar nessa sociedade, um lugar como seres ativos capazes de transformação, um lugar consciente de si mesmo e, sobretudo, um lugar de direito. O movimento enxerga que se não há mais lugar para morar e trabalhar na cidade, a solução está na terra que, por sua vez, dorme sob o manto do latifúndio:

“O homem deixa de ser escravo quando se converte em arquiteto de seu próprio destino”. (Che Guevara)

Porém, essa compreensão não é mera conquista. É o primeiro de muitos passos que se dão em direção a uma luta difícil e desigual. As pessoas que se filiam ao movimento sabem que o dia para elas não começa apenas por estarem vivas, e que para conseguirem o mínimo terão que fazer por merecer. Nesse sentido, são pessoas que carregam marcas inquestionáveis da mais pura injustiça, mas que aprenderam a fazer com que sejam escutadas:

“Fica na consciência dos militantes, que trazem consigo as marcas da violência, que a morte faz parte da vida. As mutilações e as cicatrizes representam uma parte da morte, que entra na vida que não se dobrou e teima em levar o corpo para onde apontam os pensamentos.” (Bogo, 2003, p.48)

O MST, então, provando que não é porque representa a luta de uma minoria que será frágil e desarticulado, se organiza em torno de princípios que são cotidianamente colocados em prática, tais como: estabelecer objetivos claros a serem alcançados em curto, médio e longo prazos, e torná-los conscientes a todos os participantes do movimento de massas; desenvolver um eficiente trabalho de grupo e estabelecer objetivos a serem alcançados pelos trabalhadores na base; nunca deixar a massa em dúvida, pois ela quer respostas aos seus problemas; sempre apresentar soluções concretas e nunca mentir para a massa; estabelecer normas que devem ser cumpridas por todos e não abrir exceções ou prometer resolver questões individuais por fora das instâncias; estabelecer referências através de lideranças, bandeiras, sons, cores etc., que possam orientar a massa; manter a coerência com todas as decisões tomadas coletivamente; fortalecer a estrutura interna, distribuir tarefas e valorizar as coordenações e membros de qualquer comissão, dando-lhes o poder de resolver os problemas de sua área sem perder de vista a alegria e a comemoração de vitórias.

Nesse sentido, o MST caminha para que pessoas colocadas à margem de uma sociedade possam ter a chance de serem protagonistas de suas vidas a partir do trabalho. Essa possibilidade dada através do movimento se faz evidente tendo como base o potencial de criatividade do homem que pode produzir seus meios de vida, criando alternativas para sua condição. Outro ponto importante que vai ao encontro do princípio do movimento é garantir a importância do meio social para que cada um se desenvolva por inteiro, ou seja, a vida consciente só é possível em um meio social em que o homem pode se relacionar com o outro e trabalhar:

“A falta de trabalho, ou a ociosidade, é responsável pela diminuição da capacidade de reflexão do ser humano. Ele não tem como criar, pois é tirado dele o principal meio de criação, que é o trabalho. A sociedade que não tem trabalho para seus membros reduz a cooperação e se desorganiza.” (Bogo, 2003, p.157)

Quanto às Políticas Públicas existentes, traçaremos aqui um breve apanhado que as caracterizam.

Em 1991 foi criado o Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) unificando, assim, as atividades de assentamento e regularização fundiária num mesmo órgão, entretanto com proteção da cidadania. A legislação está dividida nas constituições estadual e federal, e dá ao sem-terra um respaldo legal às suas reivindicações que, embasadas na lei, são direitos.

Há também o II Plano Nacional de Reforma Agrária que foi construído coletivamente e visa à transformação do meio rural em um espaço de paz, produção e justiça social:

“Esta compreensão que orienta as ações do governo federal e inspirou o II Plano Nacional de Reforma Agrária – PNRA, que foi apresentado em novembro de 2003, durante a Conferência da Terra, em Brasília – evento inédito de unidade dos movimentos e entidades do campo. Construído num amplo diálogo social, o Plano é fruto do esforço coletivo de servidores e técnicos, com o acúmulo dos movimentos sociais e da reflexão acadêmica. Combina qualidade e quantidade, eficiência e transparência na aplicação dos recursos numa ação integrada de governo e com a participação social na sua implementação. O processo de elaboração do II PNRA contou também com a importante contribuição do professor Plínio de Arruda Sampaio e uma equipe de especialistas de

diferentes instituições acadêmicas. (...) Suas metas representam a realização do maior plano de reforma agrária da história do Brasil. Até o final de 2006 serão 400 mil novas famílias assentadas; 130 mil famílias terão acesso a terra por meio do crédito fundiário e outras 500 mil adquirirão estabilidade na terra com a regularização fundiária. São mais de um milhão de famílias beneficiadas e mais de dois milhões de novos postos de trabalho gerados". (PNRA, 2002, p.5)

Este documento conta com a assinatura do então Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, e traz como mote "Paz, produção e qualidade de vida no meio rural", oferecendo suporte ao enorme contingente de pessoas que busca seus direitos à terra mas, por muitos entraves e burocracia, não conseguem.

Existem também os chamados fomentos (I e II) ou fundos perdidos. O termo fomento é utilizado para caracterizar atividades centradas na promoção do desenvolvimento rural, tanto na área florestal como na agropecuária. Historicamente, tem contemplado os mais diversos segmentos da produção agrosilvipastoril. São projetos e programas de iniciativa pública, privada ou integrada de estímulo a cultivos diversos. A palavra "fomento" tem origem etimológica no latim *foméntum*: "o que mantém o fogo, o que esquentou ou aquece, o que conforta", por extensão, "o que acalma, alívio, lenitivo". A derivação, no sentido figurado, é "proteção, auxílio, apoio", "aquilo que possui amparo na lei, que está em conformidade com a justiça." Isto é, um fundo destinado a auxílio do desenvolvimento rural, no qual está inserido o assentado que pode destinar e utilizar essa verba para financiar sua produção. O valor é de R\$2.400,00 por projeto, totalizando R\$4.800,00.

Além dos fomentos (I e II) há também o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), um financiamento que disponibiliza R\$21.500,00 dividido em três parcelas, sendo que cada uma é relativa a um projeto desenvolvido pelo agricultor. Não é necessário que haja a utilização de toda a verba. Caso o agricultor consiga retorno e autonomia após o investimento, ele não utiliza mais o programa. Porém, após três anos de carência, o governo vai até a área e fiscaliza o destino do dinheiro e, com isso, inicia o pagamento do empréstimo com juros de 2% ao ano.

Quanto à questão prática, identifiquei muitas demandas na minha visita ao assentamento para a realização do trabalho de psicologia social, não só através de observações, mas também nos discursos dos assentados obtidos nas entrevistas realizadas com os mesmos. Entre essas, destacam-se: incoerência quanto às "ajudas" do

governo e o tempo que este oferece de carência e para a fiscalização dos resultados, sendo que em um contexto rural o retorno demora de acordo com o clima; a ausência de uma devolutiva dos projetos por eles viabilizados, ou seja, não há um trabalho de desvinculação por parte dos visitantes; necessidade de investimentos em saúde, através de uma maior assiduidade e comprometimento dos profissionais da saúde e da construção de um posto médico dentro do assentamento; investimentos na educação, através de profissionais qualificados e da construção de uma escola e de um centro de informática e capacitação dentro do assentamento; auxílio no escoamento da produção e maior agilidade e efetividade na realização de projetos em parcerias com o Estado. Desse modo, podemos perceber que essa população ainda se encontra marginalizada e pouco assistida por nossos governantes.

O caso de Mauro, coordenador do assentamento, é um exemplo de alguém que teve um lugar na sociedade através do MST, que se conscientizou e, principalmente, se transformou.

Mauro – 4ª série incompleta – coordenador do assentamento Dom Tomás Balduino

Mauro era um morador da cidade de São Paulo que estava desempregado e acabou se tornando dependente do álcool. Ele descreveu sua situação passada com grande pesar e se emocionou ao contá-la, pois no momento atual de sua vida se considera uma pessoa totalmente distante da que foi. Ele disse que ao bater de porta em porta e não encontrar emprego, via na bebida um jeito de esquecer todas as frustrações por que passava. Chegou a dormir e acordar em um bar e, por isso, se descreveu como um bêbado. Mauro se separou de sua família (mulher e filha) por conta de seu comportamento, até que seu irmão assistiu a uma palestra do MST, pegou um panfleto e se cadastrou no movimento. A partir daí, passou a insistir para que Mauro se cadastrasse no movimento também. Porém, influenciado pela mídia sensacionalista (como ele mesmo descreveu), Mauro não simpatizava com um movimento de “ladrões de terra”. Vencido pelo cansaço, foi a uma palestra e se interessou. Ele disse que naquele momento percebeu que algo não batia com a imagem que tinha do MST até então. Descreveu que a causa disso provavelmente se dá pela ignorância do povo que assiste a TV e acredita em tudo que um “bonitão engravatado” fala (se referindo aos executivos e latifundiários que deturpam o movimento). Então, Mauro passou a ler o jornal “Brasil de fato” e pôde tirar suas próprias conclusões sobre o que acontecia com aquela gente. Nesse momento,

Mauro resolveu se cadastrar no movimento e pôde participar de sua primeira ocupação junto com os demais integrantes do MST. Porém, devido a problemas legais, teve que deixar o acampamento em que estava ao lado da irmã Alberta e foi para o assentamento Dom Tomás Balduino. Portanto, sua vida dentro deste assentamento não se deu desde o momento da ocupação daquele espaço, o que não o impediu de contar-nos todos os aspectos ainda vívidos de confronto e de luta por aquela terra.

Método:

A metodologia deste Trabalho de Conclusão de Curso seguiu os moldes da pesquisa na abordagem da Psicologia Sócio-Histórica. Isto é, buscou-se coerência com a dialética de compreensão dos fenômenos humanos e o foco na relação entre sujeitos. A partir do que diz Oliveira (1999), entende-se que:

É interessante observar que essa contribuição metodológica de Vygotsky é particularmente importante para a educação. Uma vez que a situação educativa consiste de processos em movimento permanente, a transformação constitui exatamente o resultado desejável desses processos, os métodos de pesquisa que permitem a compreensão dessas transformações são os métodos mais adequados para a pesquisa educacional. (Oliveira, op. cit., p.63)

A ideia, portanto, foi valorizar aspectos descritivos e percepções pessoais, focalizando o indivíduo como parte integrante do social, e procurando entender os sujeitos envolvidos dentro de um determinado contexto. Dessa forma, as questões desenvolvidas na pesquisa se norteiam através do acontecer histórico, ou seja, não foi criada uma situação artificial, mas buscou-se ir ao encontro da situação no decorrer da mesma. Nesse sentido, Freitas (2001) completa:

Trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica consiste, pois, numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social. Para Luria (1983), seria necessário encontrar uma observação que, aproveitando-se das qualidades da ciência romântica, evitasse seus perigos. Assim a observação não se deve limitar à pura descrição de fatos singulares, o seu verdadeiro objetivo é compreender como uma coisa ou acontecimento se relaciona com outras coisas e acontecimentos. Trata-se, pois, de focalizar um acontecimento nas suas mais essenciais e prováveis relações. Quanto mais relevante é a relação que se consegue colher em uma descrição, tanto mais se torna possível a aproximação da essência do objeto, mediante uma compreensão das suas qualidades e das regras que governam as suas leis. Quanto mais se preservam em uma análise as riquezas das suas qualidades, tanto mais é possível a aproximação das leis internas que determinam sua existência. De fato, só ao colher os traços mais importantes e depois aqueles mais secundários, identificando suas possíveis conseqüências, é que começam a emergir claras as relações que os ligam entre si. O objetivo da observação se enriquece, assim, de uma rede de relações relevantes. (Freitas, 2001, p.28)

Foram realizadas entrevistas abertas visando abranger elementos frutos de um diálogo e não se limitar a determinadas perguntas e respostas que dificilmente abarcariam o conteúdo subjacente ao problema. Desse modo, as entrevistas visaram contribuir para a resposta do problema de investigação delineado: “que impacto a impossibilidade de trabalhar na terra tem sobre a subjetividade de membros do MST que se encontram nessa condição?”

Portanto, para a aproximação da questão formulada, a entrevista contemplou os seguintes aspectos:

- a) Quais eram os projetos de vida destas pessoas antes e depois do MST e antes e depois da impossibilidade em trabalhar na terra?
- b) Como se sentiram em relação a essa mudança?
- c) Como acham que são percebidos pelas pessoas?
- d) Quais suas maiores dificuldades ao se encontrarem nessa condição?

As entrevistas foram realizadas com membros do Assentamento Dom Tomás Balduino, em função do objetivo apresentado e também da facilidade de acesso ao local, uma vez que a pesquisadora tinha feito contatos anteriores com membros deste assentamento para realização de outro trabalho acadêmico.

O número de entrevistados não foi definido antecipadamente. O critério utilizado para avaliação do número de participantes foi o da saturação teórica, conforme descrito por Fontanella, Ricas & Turato (2008):

O fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. Noutras palavras, as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados (Fontanella, Ricas & Turato, op. cit., p. 17).

Seguindo este critério, no total foram entrevistados três participantes e a duração média das entrevistas foi de uma hora e meia. As sínteses das entrevistas se encontram no Anexo I.

Por se tratar de uma entrevista baseada na construção dialógica entre entrevistador e entrevistado, o uso de gravador se fez necessário para que não houvesse prejuízo do material coletado. Houve, portanto, considerações sobre os aspectos éticos da pesquisa segundo a resolução 196/96 do Ministério da Saúde, em que o uso deste equipamento na entrevista depende da permissão de cada entrevistado.

Quanto à análise dos dados, por intermédio do método indutivo foram realizadas diversas leituras das entrevistas transcritas, buscando identificar aspectos recorrentes que pudessem culminar em temas de análise.

Após a identificação destes temas, procedeu-se a discussão dos dados a partir do referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica, utilizando-se de excertos dos

depoimentos dos participantes como ilustração. Estes excertos são acompanhados das iniciais dos participantes, visando preservar as identidades dos mesmos.

A pesquisa que culminou no presente trabalho foi aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob o protocolo nº 487/2011 (Anexo II).

Análise e discussão das entrevistas

Nos moldes descritos pelo método, as entrevistas foram analisadas com base nos aportes teóricos da Psicologia Sócio-Histórica apresentados no corpo desta monografia, visando responder a pergunta “que impacto a impossibilidade do trabalho na terra tem nas subjetividades de militantes do MST que se encontram nesta situação?” Nesse sentido, a análise organizou-se a partir dos temas que nortearam cada questão feita aos participantes.

A questão dos projetos de vida dos entrevistados visava justamente permitir compreender como eles representam algo importante de suas vidas que teve que ser interrompido, algo que foi abordado na pergunta que solicita a comparação entre antes e depois da impossibilidade de trabalhar na terra. Com isso, é possível compreender melhor de que contextos essas pessoas vieram, quais foram seus caminhos até se envolverem com o MST, o quanto há de subjetivo nas escolhas feitas, aonde elas chegaram e o que significa estar onde estão. Também é possível compreender como a mudança se apresenta e como se reorganizam para projetar uma vida nova.

O primeiro discurso a ser analisado será o de H., que nasceu e cresceu na roça e sonhava em morar na cidade, trabalhando com construção civil, e ter uma chácara no campo: *“trabalhar e estudar em São Paulo é muito difícil, né? Saía de casa às 6 horas e voltava às 10 da noite”*.

A partir desta fala, pode-se inferir que o lugar que esse homem ocupa na sociedade é socialmente desprivilegiado. Essa dificuldade trazida por ele aponta, nas entrelinhas, a falta de oportunidade e a dificuldade em ascender socialmente, e revela o contexto que permeava sua vida antes de qualquer projeto. Reconhece-se aqui um dos milhares de protagonistas de histórias permeadas pelo êxodo rural, ou seja, pessoas que são do campo e procuram uma vida na cidade grande para “subir na vida”.

Então, H. conta que já morava com sua mulher e que foi através da tia dela que conheceu o MST. Ela pediu para que ele construísse sua casa em Arujá (onde o MST se encontrava), já que ele era reconhecidamente bom no ramo de construções e que, enquanto construía, as pessoas do movimento o foram convencendo a ficar por lá: *“eles fizeram um trabalho de base perfeito para mim e eu só voltei para pegar a trouxa de roupa”*. Depois de 30 dias de militância, H. foi para o Instituto Florestan Fernandes e se percebeu pronto para entrar na luta.

H., porém, não se refere ao seu projeto de vida depois da impossibilidade de trabalhar na terra, dando margem a uma possível interpretação de que seu projeto continua o mesmo: permanecer no movimento, com seu lote de terra, plantando e vendendo de algum jeito. Isso também vai ao encontro da hipótese de que o tempo em que se encontra nessa condição (desde 2009) ainda não se mostrou suficiente para que ele aceite um replanejamento de sua estrutura de vida.

Em seu discurso, G. afirma ter vivido todo o processo de luta desde a fraternidade no Brás, quando era morador de rua juntamente com sua mulher. Passou por diversos lugares com o MST e sua luta perdurou anos até conseguir seu lote de terra. Ele é portador do vírus HIV e tem mais de vinte tumores cancerígenos espalhados pelo corpo (sic). Hoje, diz repensar tudo que o MST possibilitou em sua vida e tudo o que ele próprio se possibilitou: *“Eu já tive mais orgulho do assentamento, mas assim mesmo ainda me orgulho. Às vezes fico olhando aquela placa que as irmãs deram que diz: vamos construir um mundo de paz, justiça e amor. Fico pensando que faltou alguma coisa. A nível de assentamento foi tudo muito rápido. Mas tenho orgulho, conquistamos, nos propusemos e chegamos lá! Parece que o negócio depois de assentado desvirtua tudo, quando é acampamento tudo funciona. É só assentar, nada mais funciona. Está precisando de união. As mulheres têm que fazer a luta porque senão o negócio não vai mais muito pra frente não. O tempo de luta meu já passou. Já ganhei meu pedaço de terra bem merecido, não quero ir a pé até o ITESP para conseguir uma bomba de água.”*

Essa fala revela, possivelmente, um momento mais peculiar da vida de G., ou seja, de alguém que há anos vem lutando por seus princípios e que hoje se encontra bastante debilitado, conseqüentemente mais cansado e crítico. G. também não se refere a seu projeto de vida depois de impossibilitado de trabalhar na terra, levando a possível conclusão de que essa necessidade ainda não se apresentou para ele ou de que não vislumbra outro projeto puro e simplesmente. Contudo, seus projetos parecem ser mais de curto prazo, como fica evidente na seguinte fala: *“Não realizei o meu sonho, eu fiz um pomar, quero ainda plantar minhas uvas. Na casa, botar o forro para a Ju, minha mulher, e não ter mais problema com a água.”*

Em seu depoimento, J.B., outro militante do MST, nos conta que desde criança trabalhava na roça e que sempre teve interesse em trabalhar para ele mesmo: *“Mas tínhamos que adquirir certa experiência para trabalhar. Quando saí da roça fui para uma loja trabalhar como balconista, indústria de açúcar, construção civil, sempre quando tinha oportunidade de conhecimento caía pra dentro. Para eu entender o desenho de construção, fiz o curso no SENAI, nossa cultura era aproveitar o que davam. Colheita de café, na época, era tudo com veneno, agora é tudo ecológico. Agora a gente não queima mais. Eu sempre tive interesse em trabalhar nessa parte, se não tem emprego pra trabalhar em uma empresa você tem que trabalhar pra você para se garantir. Para trabalhar independente, como eu trabalhei em uma organização (MST), nós trabalhamos pro coletivo, antigamente eu trabalhava para mim.”* J.B. conta também que sempre orientou seus filhos e netos a aprenderem a trabalhar tanto na cidade quanto no campo porque, segundo ele, nunca sabemos onde vai estar a dificuldade. Nesse sentido, pode-se dizer que ele também ocupava um lugar desprivilegiado na sociedade, assim como os outros entrevistados, e que faz seus projetos de vida de acordo com sua condição e as oportunidades que aparecem. Ele conta que depois do derrame cerebral conseguiu se manter através do auxílio doença e que está ainda esperando o “homem do governo” para negociar: *“tenho problema de tontura, pé e mão gelados, não tenho mais força do lado esquerdo, e o problema é que deu derrame duas vezes. Agora não estou me esforçando muito por causa do que o médico falou. Você está vendo que eu estou inchado. Não mudou meu projeto de vida, porque eu tenho meus filhos e netos. Eu gostaria de trabalhar em algo mais leve, a roça é mais pesado, e eu agora preciso de máquinas e dou orientação para que façam. Então através dessa dificuldade nós não mudamos. Mas como todas as propostas que veio não davam pra suprir a necessidade que nós queríamos... E vamos plantar e quando sair a aposentadoria vamos realizar o projeto que*

já fizemos. O figo lá embaixo produziu, mas deu três queimadas e perdemos muito. Até já pedi outras mudas para repor. Sendo assim, estamos esperando a renda para sobreviver. Só ovo e galinha nós já vivíamos muito bem. Mas quando eu tive isso, fiquei um ano na cama.” A partir dessa fala, pode-se notar que ele evidencia que seu projeto de vida pode ser realizado por meio de seus filhos e netos, ou seja, que eles dão a possibilidade de transcender qualquer interrupção que ocorra com sua vida. Assim, também não há sinal de um projeto diferente daquele anterior à mudança de condição de vida do militante já que, na presente fala, apesar da possível contradição em fazer referência a não-mudança de seu projeto de vida e depois à mudança no modo de fazer as coisas na roça (“*eu agora preciso de máquinas e dou orientação para que façam*”), considero que o projeto de vida, por mais reformulado e reformado que esteja, ainda seja o mesmo: permanecer na terra e no movimento com as mesmas práticas.

A questão dos sentimentos em relação às mudanças visava focalizar exatamente a dimensão subjetiva de toda a história previamente trazida pelos participantes da pesquisa. Assim, pode ser possível entender como essas pessoas se articulam diante da interrupção de um projeto de vida e como isso as impacta individualmente no âmbito psicológico.

Segundo a fala de H., pode-se perceber uma tristeza natural e esperada, fruto do novo contexto de vida: *“tenho problema de coluna. Esse serviço da construção civil é pesado. Eu chegava a carregar 100 kg na cabeça. Acho que eu fiz muita extravagância quando era jovem, e apareceu esse problema agora em 2009, outubro de 2009. Deu desequilíbrio, a perna não ergue, deu problema na L4, L5 e L6. Agora eu vou esperar e marcar um tratamento em SP, porque aqui perto é muito fraco. A saúde pública em geral é muito ruim. Aí fica difícil. Você ver as coisas para fazer e não ter condições, na terra... No meu lote eu cheguei a limpar de duas a três vezes e não tinha condição de limpar, porque não conseguia fazer. Isso deixa a gente chateado, porque se você fica com isso na cabeça, causa stress e depressão. Agora que eu tive um empréstimo do governo, estou até conseguindo fazer algumas coisas, mas não é aquilo que a gente esperava. É gostoso fazer as coisas. Esse problema de saúde me derrubou bastante. Os dois primeiros anos foram... Você era normal, e agora, o pior é aceitar. Uma pessoa que joga bola e no outro dia só anda com uma bengala na mão... Tem que pôr na cabeça que você não vai depender dos outros pra sobreviver, você vê o trabalho, necessidade chegar em sua casa e não conseguir fazer.”* Nota-se que o sentimento em relação à mudança caminha no sentido da grande frustração em comparação a uma vida ativa e autônoma

que se tinha anteriormente. Ainda assim, é possível perceber o grande prazer envolvido na possibilidade do trabalho na terra e o sofrimento por ter que se adaptar a essa condição de vida tão paralisante. Nesse sentido, um possível apontamento sobre este trecho da fala de H. é que o jeito encontrado por ele para lidar com essa dor é justamente não pensar muito sobre a mesma e imaginar sempre que irá superar. Isso vai ao encontro da hipótese de que ele, possivelmente, ainda não se vê pronto para aceitar a possibilidade de depender de outras pessoas e que vislumbra aí algo como o fim de sua normalidade. Esse aspecto aparece em sua fala, na expressão do normal, aquele que não depende de ninguém e que pode se virar sozinho. Fica nítida, então, a associação que H. faz entre depender de alguém e não ser normal, ou seja, o uso pejorativo que atribui ao fator da dependência.

G., por outro lado, já convive com os sintomas de suas doenças há algum tempo e, talvez, por isso, consegue se adaptar a eles de forma prática: *“esse eu tiro de lambuja, veio sem esperar. A Doutora, eu nunca passei tanto em psicóloga quanto eu tenho que passar. Toda semana eu passo em psicóloga. Eu passo por três, uma das clínicas e duas do instituto câncer. Ela diz que eu não to acreditando ainda, mas eu digo pra mim, por que ficar lamentando? Eu to sentindo, tem umas coisas que eu já não to conseguindo fazer, hoje eu vim duas vezes lá do fundo e tive que sentar. Tem coisas que não consigo mais fazer, está dificultando as coisas, mas eu to vivendo, eu to falando abertamente, se for aos poucos tudo bem, mas se for de repente de mudar meu dia vai ser triste.”* Vê-se aqui um profundo ajustamento à realidade, ou seja, G. tem consciência do que passa e sente, e que sua vida ainda mudará bastante, porém mostra força ao acreditar que não deve se lamentar por isso. Uma consideração particular que faço nesse caso é em relação a possível elaboração que ele faz de sua condição há algum tempo, quando comparado aos outros participantes da pesquisa. Porém, imagino que seja mais coerente e seguro, para alguém que se encontra fragilizado biologicamente como G., que não entre tanto em contato com os conflitos e questões que vêm junto com a doença, afinal o que isso poderia provocar de tão libertador e bom? Como ele mesmo explicita, consegue lidar com as mudanças se as novidades em relação à sua condição vierem aos poucos, porque assim é mais possível a transformação de sua rotina em algo adaptado à sua situação. Porém, se a mudança for grande e acontecer de forma rápida, esse reajuste se torna, declaradamente, mais difícil de ser feito. Com isso, conforme continuarmos analisando sua fala, perceberemos que não há sinais claros de aproximação com a condição que o impossibilita de trabalhar na terra: *“é, e eu to tomando codeína direto para dor, comendo*

pouco. Já não to me alimentando legal, muita coisa já não pode comer, mas fazer o que? Mudou bastante. A dificuldade toda veio pela doença, mas o que eu sinto é muito cansaço, falta de ar, essas coisas estão me atrapalhando, dos planos que eu tinha. Hoje eu botei um foguinho lá em cima, queimou mais do que tinha que queimar. Aí hoje fiquei pensando, será que vai dar pra fazer? Hoje eu fui arrancar uma samambaia e eu tive que deitar, acordei com o sol batendo na minha cara. Tem horas... Está estranho. Mas tu não pode, se tu ficar só lamentando aí é pior. Tu vai e tenta fazer e se não der não faz, mas também não fica se lamentando. Eu vejo os caras mais novos e bah, fica lamentando, e da vontade de bater. Eu nem posso namorar mais. Mas que Deus é esse, né? Parece que se entrega... Aquele instituto que me trato é o instituto da medula, ali é criança, neném, ali é de neném até velho. Era três vezes por dia, e tava ficando lá. Agora quando eu faço a medula e a radio (a primeira cirurgia vai fazer 2 anos em abril)... mas é assim, essa semana eu estou tomando um aí que é pra dilatar os vasos, porque eu vou entrar em uma máquina para bombar os tumores. Petscan. Toma o Bário, te deixa doidão, invocado, e não posso fazer os dois no mesmo dia. Eu só não tiro a roupa no dia porque eu tenho pudor, venho com muita dor, babando, fedido, mas passa, graças a Deus, eu agradeço a Deus. Tua sorte é a compressão óssea, teus ossos suportam legal, me disse o médico. Às vezes os médicos perguntam “nossa, mas você já fez lá embaixo?” e eu digo já. Mas tem dias que os olhos parecem que vão sair fora.”

Já na fala de J.B., pode-se notar a presença de um novo elemento trazido por ele que aparece como algo que o obriga a entrar em contato com sua realidade, sua filha. Nesse sentido, sua elaboração não passa tanto pela falta de possibilidade em relação ao trabalho, mas por algo que, para ele, é mais pessoal ainda, como sua família. Sendo assim, quanto à prática na terra, conseguiu lidar com a mudança a partir da colaboração de seus companheiros: *“entrei em depressão. Era sadio, fazia de tudo. Eu fazia as mudas e os companheiros ajudam a plantar. Tive que passar no psicólogo, psiquiatra. Fui de 86 kg para 52 kg. Mas já me recuperei bem. Uma pequena deficiência de perda de força, mas o médico falou que ia devagar. Mas quando eu vi minha filha pequena tirar minha fralda, eu caí em depressão. Prioridade: o remédio e alimentação. Uma está com 14 anos e outra com 10 anos estudando em outra escola. No hospital, na Igreja, de tudo a gente aceita em nome de Deus. E eu trabalhando com o pessoal, não existe um, nem A, nem B, nem C, aprendi a trabalhar assim, a gente agora aceitou.”*

A questão sobre como se sentem quanto à percepção dos outros em relação à mudança pode apontar possíveis referências quanto aos seus lugares no MST nas

condições de impossibilidade em que se encontram. Dessa forma, pode-se ter um respaldo que ajude a visualizar como se dá a apropriação do social neste contexto e como se sente o indivíduo diante deste social.

A partir da fala de H., pode-se perceber que há um sentimento muito grande de coletividade que envolve os militantes do MST e que é graças a essa característica que a impossibilidade é atenuada: *“as pessoas do assentamento até entendem. Eles me têm como uma referência, mas muda o jeito de vida das pessoas, mesmo com a família muda. Porque eu saía daqui 5 da manhã e chegava 7 da tarde; eu não trabalhava o mês inteiro, ganhava R\$1.200,00 por quinzena, e o período de chuvas é a todo vapor, até mês de setembro você tem que manter o lote limpo pra depois recomeçar a plantar. Sempre trabalhava 15 dias dentro, 15 dias fora. Na época foi um caos para mim. Mas graças a Deus passou. Eu espero que em breve eu fique bom, pra trabalhar. Eu espero mesmo. Até a próxima vez que você voltar já vai me encontrar melhor. Mas é bom. Muitos irmãos ajudam a gente, então a gente recebe ajuda graças a Deus. Está difícil, mas no começo é complicado, mas agora tá bom, tá muito bom.”* Dessa forma, não há sinais de exclusão do movimento em relação à diminuição de produtividade de um membro e nem de uma possível recolocação desse militante em outras áreas de atuação do movimento.

G., por sua vez, conta que a questão não é como as pessoas te percebem no momento em que você apresenta impossibilidade de trabalhar na terra e sim como elas te percebem enquanto pessoa que é: *“preconceito? Não. Graças a Deus, não. Eu não sei porque, às vezes, eu penso nisso, mas eu tava muito pior do que eu estou e esses dias eu me encontrei no ônibus, e sempre me trataram bem, eu sempre tratei todos bem, não comigo não. Eu acho que... Não sei. Mas eu acho que é minha questão individual, mas a questão não é da doença, tive um companheiro, Roberto, e com doença ou sem doença... Se você é legal... A Ju botava todo mundo pra correr. Era recomendação médica. E se fosse amigo de verdade tudo bem, mas era tudo muquirana!”*

J.B. chama a atenção para um aspecto que não foi trazido pelos outros participantes. Segundo ele, as pessoas que olhavam para a sua situação achavam que ele estava fazendo manha para não trabalhar, que tudo não passava de uma grande frescura: *“olha... Por todo mundo não, porque 99% do tempo que trabalhei na comunidade sabiam como eu era, mas tinha gente que achava que era manha. Recuperei um pouco. Trabalhava aqui carpindo, mas a febre voltou. As meninas me ajudavam com as galinhas, pimenta, cuidavam dos bichinhos, aí quando eu vi que não dava conta por causa da tontura, efeito do remédio, o problema é a fraqueza por conta da doença, eu me alimento*

bem. Quando eu caí passei por dois, três hospitais, e aquilo causou a depressão. Por que minha vida era do campo, e aí você entra no projeto de não fazer nada e isso é o que adocece. Aí uns ou outros diziam que era manha. Ainda mais na psicologia sabemos bem que cada um é cada um. Eu fiz 180 horas de psicologia, a mente do ser humano é muito boa, e a gente trabalhando com o ser humano é muito útil. Trabalhei com recuperação dos drogados, e a gente sabia lidar com isso, também tentei na autoestima, a gente fazia uma coisinha aqui e ali.” É possível notar que o fato comum compartilhado por quem vive esta situação de que não fazer nada dentro de uma vida extremamente ativa já é causa suficiente de sofrimento não é entendido, necessariamente, por quem está em volta. Nesse sentido, sem analisar diretamente as impossibilidades físicas quanto ao trabalho, as pessoas não dão valor a esse sofrimento psicológico e acham que ele representa “preguiça” de trabalhar. Isso é facilmente compreendido se olharmos para a realidade em que vivem estas pessoas, ou seja, não há espaço para exporem seus medos, conflitos e questões mais pessoais. Eles vivem em função de escassas possibilidades de escolha, o que limita o valor e a importância da elaboração dessas vivências.

A questão das dificuldades em se encontrarem na situação de impossibilidade pode já ser contemplada na descrição dos projetos de vida, porém a idéia é justamente dar espaço a esta possível realidade, de maneira a compreender melhor o impacto disso na subjetividade desses participantes.

A fala de H., porém, aponta para uma perspectiva que vai na contramão da dificuldade. Ele ressalta que prefere falar das suas expectativas para o futuro, o que sugere que o impacto de sua condição não paralisa qualquer pensamento e plano para o amanhã. Dessa forma, pode-se dizer que H. elabora sua condição de vida sem esquecer do movimento que o faz vivo: *“o que eu tenho é de esperança, fazer um curso, ativar uma produção, se um dia eu ainda conseguir fazer um curso de mestre de obra, pra não ficar direto dentro do mato. Porque do jeito que a tecnologia leva, igual ta aqui, a gente fica analfabeto. Tenho vontade de mexer nessas coisas. Se você fica muito dentro do mato, você não sabe nem ficar dentro da cidade. Aí eu fui e os pontos de ônibus tinham mudado. Os ônibus saindo e eu lá sentado errado. Aí me falaram que o ponto tinha mudado. Se não a gente fica leigo dentro do mato, sem informação.”*

Já G., se limitou a dizer: *“a realidade não precisa esconder, nem escancarar. É aquilo ali.”* Nesse sentido, é possível notar que ele lida com suas dificuldades de maneira mais prática e objetiva, conforme vínhamos percebendo desde sua primeira resposta na entrevista. Ele não abre espaço para maiores reflexões, lida diretamente com o fato e a

partir disso vai até onde der. Sendo assim, falar do possível impacto que sua condição causa à sua vida seria, naturalmente, falar desse jeito peculiar de lidar com a dificuldade.

Segundo o relato de J.B., pode-se perceber que a maior dificuldade para ele em se encontrar nessa condição é referente ao fato de ter que ficar parado e, conseqüentemente, isolado das pessoas: *“pra mim a dificuldade foi essa. É, eu tava com dificuldade porque eu tava parado, aí você adocece. Primeiro porque o corpo necessita, e segundo porque você está lidando todo o dia com pessoas, e aí você se vê todo o dia isolado... O que me salvou foi minha família, o médico mesmo me falou. A autoestima deles fizeram com que eu me sentisse melhor. Hoje eu estou fazendo outro projeto pra saber o que vai ser pra replantar. Eu vou fazendo o mais leve, entro com o que eu posso, e o que der pra eu fazer eu vou fazer. Eu não posso pegar sol quente na cabeça. Meu remédio é 500mg, é tão forte que só posso tomar quando eu sinto dor, está na receita. Senão quando eu tomo, fico bêbado. Dia quando tem muita agitação eu tenho que tomar aquele ali. Só vim tomar remédio depois desse problema. Doei, 16 anos, sangue pro hospital das clínicas. É que eu fiquei com uma deficiência fraca... Eu teria que fazer uma palestra amanhã, era só correr o dedo pelo texto que eu sabia tudo o que falar. Então agora fica difícil, eu me afastei das pessoas por causa do barulho, a dor de cabeça me afasta, sigo a regra do médico. Aqui fica tranqüilo, às vezes tinha dez netos, aí a cabeça fica do tamanho dessa casa. Por isso hoje eu não fico na aglomeração dessas pessoas, porque eu já sei que aumenta a dor de cabeça. Evito muito barulho e sol quente, água gelada também não pode. Cedinho eu levanto e caminho e de noite também, para não atrofiar o corpo. Eu sou acostumado a viajar, norte-sul, aí você se vê em uma cama, no canto e não vê ninguém, é a pior tristeza que tem, eu não gosto de ficar em casa, por mais que minha criação seja de ficar em casa, sempre saía. Hoje estou aprisionado, estou desleixado. Hoje eu uso bengala.”* J.B. mostra, em sua fala, exatamente o caminho que percorremos até chegar na formulação de nosso problema de investigação. Ele confirma a suspeita de que para alguém que baseia sua vida na atividade do corpo e significa sua vida através disso, se identificando e se conscientizando, é muito dolorido se ver limitado. A última fala, *“hoje eu uso bengala”*, diz muito do que representa essa condição, ou seja, mostra a realidade de que, hoje, ele precisa de algo para se apoiar, algo que lhe dê suporte e sustentação para continuar. Isso para ele é o símbolo da mudança, é o impacto personalizado, já que, como ele mesmo diz, sua vida sempre foi muito ativa, ia de um lado para outro apenas contando com sua vontade.

Conclusão

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso era conseguir responder a pergunta “Que impacto a impossibilidade de trabalhar na terra tem na subjetividade de militantes do MST que se encontram nesta condição?” Dessa forma, falar de impacto é falar de algo que não se pode medir concretamente. Por isso, após ter avaliado os resultados para chegar à resposta possível, irei levar em conta alguns desdobramentos dessa investigação.

O primeiro seria considerar, se houver, quais alternativas esses sujeitos têm diante da interrupção de um projeto de vida. Nesse sentido, como conclusão, percebo que se trata de pessoas cujas possibilidades de escolha são extremamente restritas. Isso porque ocupam um lugar à margem da sociedade e estruturam suas vidas de acordo com as circunstâncias e oportunidades. Estão sempre de olhos abertos à mercê de um aprender contínuo que lhes garanta meio de vida e, assim, é como se não escolhessem, mas fossem escolhidos pelos caminhos que seguem. Portanto, pensar nas alternativas que eles teriam diante dessa situação de interrupção de um projeto de vida, é considerar esse contexto.

A partir disso, olhar para como esses sujeitos reorganizam suas vidas seria algo a ser feito como próximo passo. Nesse sentido, conforme constatado acima e nos resultados, aparece uma forma central que norteia as respostas dos entrevistados a respeito deste tema, a adaptação à nova condição. Isto é, não há grande elaboração do sofrimento envolvido e, talvez como consequência, não há realização de projetos mais adequados à situação que eles passam a viver. Sendo assim, essa questão fica restrita a pequenos ajustes de cotidiano e de práticas que continuam apontando para o lugar já conquistado.

Eis, então, que olhar para como o meio social do MST atua diante da impossibilidade de um militante trabalhar na terra aparece como ponto crucial para fechar o entendimento da pergunta desta monografia, uma vez que, discutida a necessidade de se levar em conta o meio social como formador do indivíduo, esse seria o último passo para a obtenção da resposta. Nesse sentido, como conclusão, posso dizer que o MST não exerce função repressora no que tange a essa dificuldade peculiar dos militantes, ele atua de forma a acolher o problema e oferecer suporte através de sua grande força coletiva.

Por fim, torna-se possível uma resposta. O impacto na subjetividade de militantes do MST impossibilitados de trabalhar na terra é dolorido, ainda mais em se tratando de pessoas que fizeram sua vida na trajetória de luta e se identificam a partir dessa atividade. São pessoas que, para tudo na vida, “põem a mão na massa” e, ao se verem nesta contradição de uma vida paralisada, sofrem muito. Contudo, não há muita elaboração deste impacto em sua profundidade devido ao pouco espaço existente para a expressão dos sentimentos relativos a essa condição no assentamento e na cultura envolvida dos militantes, de maneira geral. Assim, para haver, de fato, uma ressignificação de sentido desta condição de vida, seria preciso entrar mais em contato com os conflitos gerados por ela.

Referências Bibliográficas:

BOGO, Ademar. *Arquitetos de Sonhos*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J. & TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p.28, 2001.

FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T.; BOCK, Ana M. B. *Psicologias – Uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13ª ed., São Paulo: Saraiva, 1999.

GOMES, José Agnaldo. *A Comuna da Terra – Utopia e Alternativa*. Equador: Abya-Yala, 2005.

OLIVEIRA, M. K. Três questões sobre desenvolvimento conceitual. In: OLIVEIRA, M. B.; OLIVEIRA, M. K. (orgs.). *Investigações cognitivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, 63 p.

PINHEIRO, Alexandra Santos. O Ensino de Literatura Infantil nas Escolas do MST: entre a fantasia e a realidade. *Revista Língua & Literatura*, v. 10, n. 14, p. 29-50, jul. 2007.

PNRA – II Plano Nacional de Reforma Agrária – Paz, produção e qualidade de vida no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário / Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, 2002.

SEVERI, Fabiana Cristina. *Experiência, Memória e autonomia em um assentamento de reforma agrária na região de Ribeirão Preto-SP*. Ribeirão Preto, 2010. 312 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP.

**ANEXO I
(ENTREVISTAS)**

H.

Antes eu, quando trabalhava na construção civil nem pensava em lavoura né, roça. Eu queria fazer um curso de mestre de obra. Minha vida antes era mesmo... Eu sempre pensei em morar na cidade, mas ter uma chácara. Meu sonho era ter uma chácara, mas eu queria montar uma firma de construção civil, essa era minha obra. Tenho 2 irmãos que eram mestres de obra. Trabalhar e estudar em SP é muito difícil. Saía de casa as 6hrs e voltava as 22hrs. Era o que eu pensava, em um dia engrenar na construção civil, até aonde desse. Mas eu nasci na roça, até os 20 anos trabalhei na agricultura, era vaqueiro, mexia com gado, tirava leite, depois eu vim pra cidade, mas sempre pensei em ter uma terra.

Então quando eu entrei no movimento, ele tava em Arujá, e eu não tava nem aí. Eu morava com uma mulher do Paraná, e ela tinha uma tia, Bete, que falou que estava no movimento. Ela pediu para que eu fizesse um barraco para ela. Eles fizeram um serviço de base perfeito para mim e eu fiquei lá, só voltei para pegar a trouxa de roupa. Fazia 30 dias que estava no movimento e fui pra Florestan, aí vi lá todo aquele patrimônio e vários assentados, e conversando com alguns eles falaram “é luta, nada vem de graça, mas vale a pena”. Um deles falou que já era assentado há 10 anos, me falando sobre sua casa, seu lote e aí eu tive condições de encontrar. Às vezes, se as pessoas não encontrarem quem fale direitinho até desiste. Aí nós enfrentamos a luta, viemos aqui, saímos, a polícia tirou nós. Aí daqui voltamos para a base no Brás, aí voltamos para São Lourenço, aí fomos para lá, aí nós viemos para Anhanguera, perto do pedágio. Aí de lá saímos, acampamos aqui na frente da fazenda, aí acampamos de vez, e aqui ficamos. Mas, foi assim: luta e pela localidade hoje que eu me encontro. Valeu mais que a pena, graças a Deus.

Tenho problema de coluna. Esse serviço da construção civil é pesado, Eu chegava a carregar 100 kg na cabeça. Acho que eu fiz muita extravagância quando era jovem, e apareceu esse problema agora em 2009, outubro de 2009. Deu desequilíbrio, a perna não ergue, deu problema na L4, L5 e L6. Agora eu vou esperar e marcar um tratamento em SP, porque aqui perto é muito fraco. A saúde pública em geral é muito ruim.

Aí fica difícil. Você ver as coisas para fazer e não ter condições, na terra... No meu lote eu cheguei a limpar de 2 a 3 vezes e não tinha condição de limpar, porque não conseguia fazer. Isso deixa a gente chateado, porque se você fica com isso na cabeça, causa stress

e depressão. Agora que eu tive um empréstimo do governo, estou até conseguindo fazer algumas coisas, mas não é aquilo que a gente esperava. É gostoso fazer as coisas. Esse problema de saúde me derrubou bastante. Os dois primeiros anos foram...

Você era normal, e agora, o pior é aceitar. Uma pessoa que joga bola e no outro dia só anda com uma bengala na mão... Tem que pôr na cabeça que você não vai depender dos outros pra sobreviver, você vê o trabalho, necessidade chegar em sua casa e não conseguir fazer. Pelo que as pessoas falam por trás, me consideram um ótimo profissional. As pessoas vinham me chamar para trabalhar e eu não tinha condições.

As pessoas do assentamento até entendem. Eles me têm como uma referência, mas muda o jeito de vida das pessoas, mesmo com a família muda. Porque eu saía daqui 5 da manhã e chegava 7 da tarde, eu não trabalhava o mês inteiro, ganhava R\$1.200,00 por quinzena, e o período de chuvas é a todo vapor, até mês de setembro você tem que manter o lote limpo pra depois recomeçar a plantar. Sempre trabalhava 15 dias dentro, 15 dias fora. Na época foi um caos para mim. Mas graça a Deus passou.

Eu espero que em breve eu fique bom, pra trabalhar. Eu espero mesmo. Até a próxima vez que você voltar já vai me encontrar melhor. Mas é bom. Muitos irmãos ajudam a gente, então a gente recebe ajuda graças a Deus. Está difícil, mas no começo é complicado, mas agora tá bom, tá muito bom.

O que eu tenho é de esperança, fazer um curso, ativar uma produção, se um dia eu ainda conseguir fazer um curso de mestre de obra, pra não ficar direto dentro do mato. Porque do jeito que a tecnologia leva, igual tá aqui, a gente fica analfabeto. Tenho vontade de mexer nessas coisas. Se você fica muito dentro do mato, você não sabe nem ficar dentro da cidade. Aí eu fui e os pontos de ônibus tinham mudado. Os ônibus saindo e eu lá sentado errado. Aí me falaram que o ponto tinha mudado. Se não a gente fica leigo dentro do mato, sem informação.

G.

Começamos porque tinha uma proposta de ocupação, de moradia (07/09/2001) e tudo começou lá. Ficamos lá 72 dias, fomos despejados e daí ocupamos aqui em novembro de 2001 (28) daí fomos despejados, voltamos para o Brás e ocupamos um lugar que era para ser um hospital psiquiátrico, daí o prefeito mandou embora e voltamos para o centro

de formação, fomos para santa fé (de 27 de dezembro até 26 de junho). Em 2004 foi dividida a Fazenda (23 de maio de 2004).

Eu já tive mais orgulho do assentamento, mas assim mesmo ainda me orgulho. Às vezes fico olhando aquela placa que as irmãs deram (vamos construir um mundo de paz, justiça e amor) e fico pensando que faltou alguma coisa. A nível de assentamento foi tudo muito rápido. Mas tenho orgulho, conquistamos, nos propusemos e chegamos lá! Agora estamos com um problema de água (caiu um raio na bomba e para recolocar é 9000 reais) e politicamente ninguém resolve (problema político e financeiro). Parece que o negócio depois de assentado desvirtua tudo, quando é acampamento tudo funciona. É só assentar, nada mais funciona. Está precisando de união.

As mulheres têm que fazer a luta porque senão o negócio não vai mais muito pra frente não. O tempo de luta meu já passou. Já ganhei meu pedaço de terra bem merecido, não quero ir a pé até o ITESP para conseguir uma bomba de água.

A questão do movimento foi a união né, sozinho não muda nada. Nós tivemos uma organicidade a nível regional que a nível de nacional não tinha, nós tivemos um privilégio de ter muitos amigos, por exemplo, a Igreja. Nosso acampamento nunca faltou nada. Conheço assentamento que não tem nem gerador, e a gente tinha, no acampamento, um gerador. Criança nunca faltou leite e pão na creche, nunca faltou um prato de comida para um acampado. É uma pena que hoje nós vemos que quem começou na organicidade já não estão mais entre nós (saíram para outros rumos). Foram esses amigos que deram força para nós. Pessoas que fizeram o correrio pela gente, conseguiram muitas coisas. Tem coisas que a gente nem gosta de falar. Por exemplo, com o vizinho, não gostaria de ter que me preocupar com isso.

As pessoas que foi feito um trabalho, um estudo em cima, não estão mais aqui. Aqui hoje tem gente que não foi feito nenhum trabalho de base e que ocupam o lugar de quem saiu. Essas pessoas são excluídas tanto como nós.

Educação é tudo, não é a nível escolar... É respeito, dignidade. Você pode ser mal-educado em vários sentidos, não precisa ser letrado para não ser mal-educado. É a conduta.

Não realizei o meu sonho, eu fiz um pomar, quero ainda plantar minhas uvas.

Na casa botar o forro para a Ju, minha mulher, e não ter mais problema com a água.

Quem tem criança sofre muito pela falta de água. Somos 70 famílias (só no núcleo vermelho e no roxo). 66 famílias estabelecidas, 32 delas tem bica, só falta a água encanada. No vermelho são 23 famílias, tem 9 bicas, ou seja, 14 não tem água. No roxo 5

tem bica. Tem mais ou menos 17 pessoas sem água. A prefeitura acha que é mais pratico trazer o caminhão do que pôr a bomba, mais fácil fazer falcatrua com a água, a nível de município, do que fazer um negocio definitivo.

Eu fazia oração para Ju ir trabalhar porque eu buscava água no carrinho, porque eu buscava 80 litros de água nas bicas e agora eu num sei se vou estar em condições de buscar água de novo, espero que não volte essa fase. E o pior é que nem galão a gente tem. Por tudo, vou dizer: a questão da água é preocupante, mas para mim eu não assimilo como um caso grave, não é uma seca, água tem, é só buscar (com muito ódio).

Esse eu tiro de lambuja, veio sem esperar. A Doutora, eu nunca passei tanto em psicóloga quanto eu tenho que passar. Toda semana eu passo em psicóloga. Eu passo por três, uma das clínicas e duas do instituto câncer. Ela diz que eu não to acreditando ainda, mas eu digo pra mim, por que ficar lamentando? Eu to sentindo, tem umas coisas que eu já não to conseguindo fazer, hoje eu vim duas vezes lá do fundo e tive que sentar. Tem coisas que não consigo mais fazer, está dificultando as coisas, mas eu to vivendo, eu to falando abertamente, se for aos poucos tudo bem, mas se for de repente de mudar meu dia vai ser triste.

É, e eu to tomando codeína direto para dor, comendo pouco. Já não to me alimentando legal, muita coisa já não pode comer, mas fazer o que? Mudou bastante. A dificuldade toda veio pela doença, mas o que eu sinto é muito cansaço, falta de ar, essas coisas estão me atrapalhando, dos planos que eu tinha. Hoje eu botei um foguinho lá em cima, queimou mais do que tinha que queimar. Aí hoje fiquei pensando, será que vai dar pra fazer? Hoje eu fui arrancar uma samambaia e eu tive que deitar, acordei com o sol batendo na minha cara. Tem horas... Está estranho. Mas tu não pode, se tu ficar só lamentando aí é pior. Tu vai e tenta fazer e se não der não faz, mas também não fica se lamentando. Eu vejo os caras mais novos e bah, fica lamentando, e da vontade de bater. Eu nem posso namorar mais.

Mas que Deus é esse né? Parece que se entrega... Aquele instituto que me trato é o instituto da medula, ali é criança, neném, ali é de neném até velho. Era três vezes por dia, e tava ficando lá. Agora quando eu faço a medula e a radio, (a primeira cirurgia vai fazer 2 anos em abril) mas é assim, essa semana eu estou tomando um aí que é pra dilatar os vasos, porque eu vou entrar em uma máquina para bombar os tumores. Petscan. Toma o Bário, te deixa doidão, invocado, e não posso fazer os dois no mesmo dia. Eu só não tiro a roupa no dia porque eu tenho pudor, venho com muita dor, babando, fedido, mas passa, graças a Deus, eu agradeço a Deus.

Tua sorte é a compressão óssea, teus ossos suportam legal, me disse o médico. Às vezes os médicos perguntam “nossa, mas você já fez lá embaixo?” e eu digo já. Mas tem dias que os olhos parecem que vão sair fora.

Preconceito? Não. Graças a Deus, não. Eu não sei porque às vezes eu penso nisso, mas eu tava muito pior do que eu estou e esses dias eu me encontrei no ônibus, e sempre me trataram bem, eu sempre tratei todos bem, não comigo não. Eu acho que... Não sei. Mas eu acho que é minha questão individual, mas a questão não é da doença, tive um companheiro, Roberto, e com doença ou sem doença... Se você é legal... A Ju botava todo mundo pra correr. Era recomendação médica. E se fosse amigo de verdade tudo bem, mas era tudo muquirana!

A realidade não precisa esconder, nem escancarar. É aquilo ali.

J.B.

Acompanhei elas (menina da Engenharia, da USP, Carol) desde a pesquisa de solo até o final da construção. Infelizmente não pude concluir o projeto porque caí do segundo andar por conta do derrame cerebral.

Qual era o meu projeto de vida? Desde criança eu tive uma coisa, mesmo que desde sete anos trabalhava na roça, sempre tive interesse em trabalhar por mim mesmo. Mas tínhamos que adquirir certa experiência para trabalhar. Quando sai da roça fui para uma loja trabalhar como balconista, indústria de açúcar, construção civil, sempre quando tinha oportunidade de conhecimento caía pra dentro. Tinha lugar que já passei 45 metros dentro do chão, tem gente que pisa em cima e não sabe o que tem ali. Aastro Engenharia, galeria subterrânea. Anhangabaú, Jabaquara até o Anhangabaú, trabalhei em uma construtora e trabalhei lá dentro e ninguém sabe. Tem um Carrefour em cima, divisa de Santo André com São Bernardo, tudo canalizado, galeria subterrânea, e eu tive o interesse de aprender, e justamente por isso, me ofereceram o curso de qualificação profissional, desenho da construção civil e mestre de obra. Para eu entender o desenho de construção, fiz o curso no SENAI, nossa cultura era aproveitar o que davam. Colheita de café, na época, era tudo com veneno, agora é tudo ecológico. Agora a gente não queima mais. Eu sempre tive interesse em trabalhar nessa parte, se não tem emprego pra trabalhar em uma empresa você tem que trabalhar pra você para se garantir. Para trabalhar independente, como eu trabalhei em uma organização (MST) nós trabalhamos pro coletivo, antigamente eu trabalhava para mim. Correr atrás do homem dos vidros

porque já está pago. Eu tenho minha família, meus netos, tenho que cuidar deles. Eu sempre orientei, temos que aprender a trabalhar na cidade e no campo. Mas hoje temos muita dificuldade em arrumar trabalho. Em uma empresa entrei de ajudante e saí auxiliar de sistema. Ia se classificando, o merecimento real que eu trabalhei mais o esforço de vontade e o chefe... Que você merecia aquilo, porque senão não colocava você. Todas as propostas não davam nem pra adquirir a casa para morar. Teve parente meu que pesquisou três anos para saber aonde eu tava. Agora já está tudo plantado e tudo no capim, agora está tudo plantado. Depois do derrame cerebral, 2009, eu estava no auxílio doença, o último foi em fevereiro, e estou esperando o homem do governo para negociar. Tenho problema de tontura, pé e mão gelados, não tenho mais força do lado esquerdo, e o problema é que deu derrame duas vezes. Agora não estou me esforçando muito por causa do que o médico falou. Você está vendo que eu estou inchado. Não mudou meu projeto de vida, porque eu tenho meus filhos e netos. Eu gostaria de trabalhar em algo mais leve, a roça é mais pesado, e eu agora preciso de máquinas e dou orientação para que façam. Então através dessa dificuldade nós não mudamos. Mas como todas as propostas que veio não davam pra suprir a necessidade que nos queríamos... E vamos plantar e quando sair a aposentadoria vamos realizar o projeto que já fizemos. O figo lá embaixo produziu, mas deu 3 queimadas e perdemos muito. Até já pedi outras mudas para repor. Sendo assim, estamos esperando a renda para sobreviver. Só ovo e galinha nós já vivíamos muito bem. Mas quando eu tive isso, fiquei um ano na cama.

Entre em depressão. Era sadio, fazia de tudo. Eu fazia as mudas e os companheiros ajudam a plantar. Tive que passar no psicólogo, psiquiatra. Fui de 86 kg para 52 kg. Mas já me recuperei bem. Uma pequena deficiência de perda de força, mas o médico falou que ia devagar. Mas quando eu vi minha filha pequena tirar minha fraude, eu caí em depressão. Prioridade: o remédio e alimentação. Uma está com 14 anos e outra com 10 anos estudando em outra escola. No hospital, na Igreja, de tudo a gente aceita em nome de Deus. E eu trabalhando com o pessoal, não existe um, nem A, nem B, nem C, aprendi a trabalhar assim, a gente agora aceitou.

Olha... Por todo mundo não porque 99% do tempo que trabalhei na comunidade sabiam como eu era, mas tinha gente que achava que era manha. Recuperei um pouco. Trabalhava aqui carpindo, mas a febre voltou. As meninas me ajudavam com as galinhas, pimenta, cuidavam dos bichinhos, aí quando eu vi que não dava conta por causa da tontura, efeito do remédio, o problema é a fraqueza por conta da doença, eu me alimento bem. Quando eu caí passei por 2, 3 hospitais, e aquilo causou a depressão. Por que

minha vida era do campo, e aí você entra no projeto de não fazer nada e isso é o que adocece. Aí uns ou outros diziam que era manha. Ainda mais na psicologia sabemos bem que cada um é cada um. Eu fiz 180 horas de psicologia, a mente do ser humano é muito boa, e a gente trabalhando com o ser humano é muito útil. Trabalhei com recuperação dos drogados, e a gente sabia lidar com isso, também tentei na autoestima, a gente fazia uma coisinha aqui e ali.

Pra mim a dificuldade foi essa. É, eu tava com dificuldade porque eu tava parado, aí você adocece. Primeiro porque o corpo necessita, e segundo porque você está lidando todo o dia com pessoas, e aí você se vê todo o dia isolado... O que me salvou foi minha família, o médico mesmo me falou. A autoestima deles fizeram com que eu me sentisse melhor. Hoje eu estou fazendo outro projeto pra saber o que vai ser pra replantar. Eu vou fazendo o mais leve, entro com o que eu posso, e o que der pra eu fazer eu vou fazer. Eu não posso pegar sol quente na cabeça. Meu remédio é 500mg, é tão forte que só posso tomar quando eu sinto dor, está na receita. Senão quando eu tomo, fico bêbado. Dia quando tem muita agitação eu tenho que tomar aquele ali. Só vim tomar remédio depois desse problema. Doei, 16 anos, sangue pro hospital das clínicas. É que eu fiquei com uma deficiência fraca...

Eu teria que fazer uma palestra amanhã, era só correr o dedo pelo texto que eu sabia tudo o que falar. Então agora fica difícil, eu me afastei das pessoas por causa do barulho, a dor de cabeça me afasta, sigo a regra do médico. Aqui fica tranquilo, às vezes tinha 10 netos, aí a cabeça fica do tamanho dessa casa. Por isso hoje eu não fico na aglomeração dessas pessoas, porque eu já sei que aumenta a dor de cabeça. Evito muito barulho e sol quente, água gelada também não pode. Cedinho eu levanto e caminho e de noite também, para não atrofiar o corpo. Eu sou acostumado a viajar, norte-sul, aí você se vê em uma cama, no canto e não vê ninguém, é a pior tristeza que tem, eu não gosto de ficar em casa, por mais que minha criação seja de ficar em casa, sempre saia.

Hoje estou aprisionado, estou desleixado. Hoje eu uso bengala.

ANEXO II
(PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA)